

## **REFLETINDO SOBRE EXPERIÊNCIAS DE VISITAÇÃO ÀS RESERVAS TÉCNICAS DE MUSEUS ENQUANTO PRÁTICAS EDUCATIVAS E COMUNICATIVAS VOLTADAS A PÚBLICOS NÃO ESPECIALIZADOS**

**Mayara Manhães de Oliveira**

Museu da Vida/COC/Fiocruz  
mayara.oliveira@fiocruz.br

**Carla Gruzman**

Museu da Vida/COC/Fiocruz  
carla.gruzman@fiocruz.br

### **Apresentação**

Este texto apresenta parte do trabalho de conclusão do Curso de Especialização *lato sensu* em Divulgação e Popularização da Ciência (Museu da Vida/COC/Fiocruz e instituições parceiras) em que traçamos como objetivo a investigação de iniciativas que buscaram aproximar os públicos das reservas técnicas de museus, contribuindo para a reflexão crítica acerca dos objetos musealizados. No presente texto optamos por fazer um recorte do estudo, apresentando brevemente uma discussão teórica, conceitual e política acerca do papel social e educativo dessas instituições em perspectiva histórica. Abordamos a definição de reserva técnica, assim como a problematização desses espaços; caracterizamos reservas técnicas visíveis/visitáveis a partir de um levantamento de dez museus do Brasil e exterior e, por fim, discutimos os resultados obtidos em trabalho de campo no Museu Histórico Nacional.

A escolha por este tema específico e pouco comum está relacionada a um conjunto de questões no campo dos museus e da museologia, dentre os quais destacamos alguns aspectos de interesse. Em primeiro lugar, buscamos conhecer novas perspectivas sobre a dinâmica de atuação do museu em seu formato clássico na contemporaneidade, especialmente aquelas que se expressam em práticas inovadoras que envolvam objetos musealizados em ações de educação e comunicação voltadas aos diversos públicos. Situamos nossa reflexão na interseção entre a museologia, a educação museal e a divulgação científica, campos do conhecimento em construção, essencialmente interdisciplinares e que dialogam em várias direções. Por fim, temos em

mente o intuito de compreender quais são as possibilidades da preservação no exercício do papel social e educativo dessas instituições.

### **Papel social e educativo dos museus em perspectiva histórica: breves apontamentos**

Desde o surgimento das instituições reconhecidas como os primeiros museus na Europa estavam presentes os propósitos educacionais. Autoras como Gruzman & Siqueira (2007), Marandino (2009) e Valente (2009) investigaram como esses objetivos foram delineados e se transformaram ao longo dos séculos sob influência de diferentes contextos, tendo por foco os museus de ciências.

Herdeiros dos gabinetes de curiosidades, os primeiros museus a serem criados nos séculos 17 e 18 já continham as finalidades de ensino e pesquisa, porém essas atividades eram desempenhadas por grupos socioeconomicamente mais privilegiados. No final do século 18, sob influência dos ideais revolucionários franceses, as coleções musealizadas passaram a assumir um importante papel na instrução popular para a construção simbólica da nação e da noção de patrimônio cultural. Nessa época, surgiram os museus especializados como uma expressão da cultura enciclopedista, com uma linguagem expográfica que refletia os preceitos acadêmicos, desconsiderando meios para facilitar a compreensão pelo grande público. Ao longo do século 19, o propósito de “educação das massas” para adequação dos cidadãos ao contexto urbano e industrial foi marcante. Em vários países, o objetivo de alcançar um alto patamar de civilização e progresso investia os museus e as grandes exposições internacionais de grande responsabilidade pedagógica. Persistia, nesse período, o entendimento do público numa condição passiva de absorção das informações sobre os objetos (GRUZMAN & SIQUEIRA, 2007).

Ao longo do século 20, ao mesmo tempo em que os museus acompanharam a consolidação de várias disciplinas científicas e continuaram a exercer importante papel no ensino formal e na pesquisa, as preocupações com a educação não formal e a divulgação científica se acentuaram. Nas primeiras décadas os recém-criados museus de ciência e tecnologia começaram a experimentar estratégias de interação física proporcionada por modelos e aparatos no intuito de facilitar a compreensão sobre fenômenos e conceitos científicos. A partir de meados do século 20 essas instituições, junto aos centros interativos de ciência, cresceram numericamente e ganharam destaque

por iniciativas como a criação de setores educativos, o desenvolvimento de pesquisas, avaliações e estudos de público, assim como elaboração de exposições e outras ações com propósitos pedagógicos voltados aos interesses dos visitantes (GRUZMAN & SIQUEIRA, 2007; MARANDINO, 2009; VALENTE, 2009).

As profundas transformações que marcaram os museus, de maneira geral, a partir da segunda metade do século 20 foram reflexos, em grande parte, dos debates em torno de sua função social e educativa, situados em um contexto maior de tensionamentos sociopolíticos em escala global que marcaram o período pós-guerra. A ampliação da participação social, a reivindicação pela inclusão de narrativas e memórias até então ausentes, o engajamento das instituições em questões políticas, econômicas e sociais; a criação de novos tipos de museus, a renovação das antigas instituições e a maior preocupação com o envolvimento dos visitantes são alguns dos temas que ganharam mais espaço nesse momento, presentes em fóruns internacionais e nacionais promovidos por profissionais do campo museal<sup>1</sup>.

Novas formas de compreender os museus, aproximando-os da ideia de “fóruns” e cada vez menos vistos como “templos” (CAMERON, 1992), emergiram nesse momento fértil para diversas áreas do conhecimento tais como a museologia, a história, a educação e a divulgação científica. O olhar interdisciplinar e científico passou a ser cada vez mais solicitado, propiciando o surgimento ou a consolidação de áreas profissionais para atender demandas específicas do meio museal.

O cenário do museu transformado provocou novas exigências e novas ações e a necessidade da preparação de um profissional que pudesse responder aos atuais desafios da sociedade. A profissionalização do setor se fez na aproximação de diferentes categorias profissionais no funcionamento cotidiano do museu, promovendo a reflexão coletiva, sugerindo acordo entre mediação e conservação. (VALENTE, 2009, p.95).

Boa parte dos processos museais estão intimamente ligados aos objetos, com o uso de diferentes métodos e técnicas, idealmente integrados no intuito de explorar ao máximo o potencial dos testemunhos históricos. Essas práticas compõem a musealização, um processo complexo pelo qual produtos da cultura material e os processos intangíveis a eles relacionados são selecionados, preservados, pesquisados e divulgados pelos museus. A musealização é um processo contínuo de atribuição de

---

<sup>1</sup> Os encontros mais emblemáticos promovidos nesse período geraram documentos oficiais disponíveis para consulta: Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus (1958) - documento final; Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972) - documento final; Ateliê Internacional Ecomuseus e Nova Museologia (1984) - Declaração de Quebec. A respeito desses debates, ver Varine, 1995; Scheiner, 2012; Chagas & Santos, 2002.

valores que diferenciam os objetos sobre os quais operam dos demais. A este respeito, Desvallées e Mairesse (2013, p.58) acrescentam:

Essa perspectiva científica condiciona o estudo objetivo e recorrente da coisa conceitualizada como objeto para além da aura que lhe permeia para lhe dar sentido. Não se trata de contemplar, mas de ver: o museu científico não apresenta somente os objetos belos, mas convida à compreensão dos seus sentidos. O ato de musealização desvia o museu da perspectiva do templo para inscrevê-lo em um processo que o aproxima do laboratório.

Atualmente o funcionamento dos museus pode ser compreendido a partir de seus quatro pilares: preservação, pesquisa, educação e comunicação (UNESCO, 2015). A educação como uma das funções primordiais aponta para um reconhecimento dos esforços de construção de métodos, conceitos, fundamentação teórica e práticas específicas da educação museal. Idealmente essas quatro funções devem ser exercidas de maneira integrada para responder à sua finalidade maior: estar a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, conforme definição amplamente adotada no campo museal<sup>2</sup> (ICOM, 2007). Vale mencionar que há um debate em torno da atualização dessa definição que caminha na direção de um posicionamento mais contundente quanto ao papel dos museus frente às questões globais mais preocupantes (ICOM, 2018).

No contexto brasileiro, vários profissionais têm se empenhado pelo reconhecimento da educação museal não só como uma modalidade, mas também como um campo científico. As ações educativas com objetos musealizados, a produção e compartilhamento de saberes produzidos a partir dos acervos e sobre os processos museais, em suas formas tangível e intangível, são algumas das especificidades da educação museal (IBRAM, 2017).

Ramos (2004), muito inspirado pelas ideias de Paulo Freire, defende que as ações educativas em museus devem estar pautadas pela reflexão e interpretação críticas, por meio do diálogo, para a compreensão das relações sociais como historicamente fundamentadas.

[...] o museu histórico pressupõe que o ato de expor é um exercício poético a partir de objetos e com objetos – construção do conhecimento que assume sua especificidade. Como lugar de produção do saber, o museu não pode ser confundido com centros de pesquisa ou de aulas, embora faça pesquisa e dê aulas, nem com instituições de recreação, embora assuma um caráter lúdico. A peculiaridade do museu se realiza plenamente em suas múltiplas

---

<sup>2</sup> “O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite”. (ICOM, 2007).

interações: como tramas estéticas e cognitivas, em análises e deslumbramentos, na dimensão lúdica e onírica dos fundamentos historicamente engendrados que constituem o espaço expositivo. (RAMOS, 2004, p.29).

O autor também aponta como uma das especificidades da educação no contexto museal o uso dos objetos musealizados como geradores desse processo educativo. Situá-los historicamente e aproximá-los da realidade vivida pelos visitantes pode proporcionar a criação de sentidos particulares aos grupos sociais e possibilitar uma experiência educativa transformadora (RAMOS, 2004).

Na perspectiva teórica de Hooper-Greenhill (1999), a dimensão educativa perpassa todas as ações do museu, não se limitando a um elemento do organograma institucional. Por outro lado, a autora assume que é importante garantir a existência de profissionais dedicados às reflexões e práticas da educação museal. Com caráter transversal, busca-se a interdisciplinaridade e o engajamento de profissionais dos diferentes setores no compromisso educativo e social junto aos diferentes públicos.

Contudo, esse está longe de ser um ponto consensual nos museus. Diferentes perspectivas dentro e fora dessas instituições muitas vezes concorrem e disputam lugares na criação de narrativas, na formação de coleções e também nas ações para os públicos. A noção de pedagogia museal crítica proposta pela autora enfatiza a coexistência de diferentes relações de poder desiguais envolvidas nas práticas museais:

Museus não são espaços estáticos. A qualquer momento, qualquer museu representará a coexistência de várias convicções e crenças, do passado e do presente, entre diferentes épocas do passado e entre diferentes sistemas de valores do presente. Nessa perspectiva, museus não são entendidos como monolíticos e imutáveis, mas como lugares de múltiplas e heterogêneas zonas de contato onde há diferentes histórias, linguagens, experiências e vozes misturadas em meio a diversas relações de poder e privilégio. Dentro dessas fronteiras culturais, uma diversidade de práticas é possível [...] diferentes subgrupos podem ser envolvidos e diferentes subculturas podem contrapor e atravessar limites aparentemente homogêneos de práticas culturais dominantes. (HOOPER-GREENHILL, 1999, p.22, tradução nossa).

Partindo desse pressuposto, a autora defende que uma abordagem cultural de comunicação e educação seria mais adequada a esse cenário, na qual os processos são multidirecionais, dialógicos, envolvem compartilhamento e negociação de aspectos culturais diversos trazidos por todos os sujeitos envolvidos de maneira ativa, contrapondo-se a uma abordagem transmissiva, que pressupõe a existência de emissor (sujeito ativo) e de receptores (sujeitos passivos). As contribuições dessa autora continuam pertinentes, já que os museus buscam maneiras de avançar e contornar a coexistência de diferentes forças e interesses nos processos de comunicação e educação.

## **Reservas técnicas em museus: acesso restrito (?)**

Nos museus, todos os objetos que compõem seus acervos e que não estão expostos ou em uso para fins de pesquisa e divulgação estão guardados em reservas técnicas. Durante muito tempo esses espaços foram considerados pejorativamente como depósitos. Ao longo da segunda metade do século 20 foram desenvolvidos métodos e técnicas para a organização, controle, conservação, segurança, documentação e pesquisa dos acervos nesses espaços, hoje reconhecidos como ações específicas do campo museal (FRONER, 2008).

Em geral, as reservas técnicas guardam a maior parte dos acervos, podendo chegar a 95% do total (MIRABILE, 2010) ou mais. Porém, é um local pouco conhecido pelos visitantes e até mesmo por profissionais que trabalham em outras áreas do museu, pois o acesso é limitado àqueles que trabalham diretamente em atividades de preservação. Essas restrições se justificam, geralmente, por questões de segurança e de conservação. Vários museus promovem visitas técnicas a esses espaços, atendendo a interesses pontuais de estudantes, pesquisadores, professores e outros profissionais de instituições museais e universitárias, atuantes nas áreas de museologia, história, história da arte, educação, conservação, restauração e afins. Em geral, esse tipo de visita necessita de agendamento com antecedência, acompanhado de justificativa e permitida para grupos reduzidos.

Indo além, alguns museus no Brasil e no exterior promovem acesso às reservas técnicas para públicos não especializados, ou seja, pessoas que não possuem qualquer tipo de inserção profissional e/ou acadêmica no campo museal. Para conhecer melhor as principais características dessas iniciativas, elaboramos um levantamento do qual destacamos dez experiências nacionais e internacionais realizadas até dezembro de 2017.

Procuramos identificar instituições com larga expertise em sua área de atuação e que trouxessem mais elementos para a reflexão, a partir de informações disponíveis *online*. Os dados foram obtidos nos sites institucionais, em trabalhos acadêmicos e, em alguns casos, em visitas presenciais. São elas: Museu Imperial, Museu do Açude, Museu Dom João VI e Museu de Arqueologia e Etnologia/USP (Brasil); Museo Larco (Peru), Museum of Anthropology/University of British Columbia e Glenbow Museum (Canadá); Musée des Arts et Métiers e Musée du Quai Branly (França); Schaulager

(Suíça). As ações foram organizadas em ordem cronológica e divididas em contexto internacional e nacional. (OLIVEIRA, 2018).

Com esse levantamento, confirmamos que a maior parte das ações datam das últimas três décadas, principalmente dos anos 2000 em diante. Constatamos que não há um padrão: podem ser visitáveis ou somente visíveis, estar integradas ou não ao circuito expositivo, ser uma atividade contínua ou pontual, podem ser concebidas para serem visitáveis ou adaptadas para tal, oferecer visita mediada/guiada ou somente livre, disponibilizar (ou não) informações em formato de textos e recursos audiovisuais. A maioria das iniciativas foram motivadas pelo desejo de ampliar o acesso do público aos objetos musealizados, mas também existem aquelas criadas para solucionar a falta de espaço.

Sem a intenção de esgotar as possibilidades ou de generalizar os resultados, consideramos que esse levantamento inicial foi relevante para caracterizar as ações propostas e refletir sobre a possibilidade de aproximar o grande público das reservas técnicas, desde que haja um planejamento que não comprometa os acervos.

Em seguida, para a etapa de campo, selecionamos três museus na cidade do Rio de Janeiro que promovem o acesso às suas respectivas reservas técnicas com o intuito de proporcionar aos visitantes um conhecimento mais amplo de suas práticas: o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), o Museu de Arte do Rio (MAR) e o Museu Histórico Nacional (MHN). A escolha se deu em função de ambos serem públicos, com atuação reconhecida no meio museal e pela proximidade geográfica, o que favoreceu a viabilidade do estudo na época. Acrescenta-se, também, o fato de que existem poucas iniciativas semelhantes na referida cidade.

Para o presente texto, optamos por discutir os resultados obtidos no MHN, em função de sua identidade institucional como um museu de história, na expectativa de que seja mais pertinente para as reflexões e debates propostos pelo simpósio temático “Museus, História e Educação: retrospectivas e perspectivas”, durante o 30º Simpósio Nacional de História. Em outra oportunidade serão apresentados os resultados das demais instituições.

## **O público nos “bastidores” do Museu Histórico Nacional**

O MHN<sup>3</sup>, criado em 1922 no âmbito das comemorações do centenário da independência do país, ocupa um conjunto de edifícios de origem colonial na antiga Ponta do Calabouço, local aterrado às margens da Baía de Guanabara, no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro. Com o compromisso de se tornar a “Casa do Brasil”, o projeto historiográfico das primeiras décadas de sua existência foi marcado pelo culto aos grandes acontecimentos e aos personagens ilustres da história oficial. As Forças Armadas, o Estado Imperial e a aristocracia foram excessivamente representados por meio dos objetos musealizados na gestão de Gustavo Barroso (1922 a 1930/1932 a 1959), ao mesmo tempo em que estavam ausentes as coleções que evocassem a memória de indígenas, negros e mestiços enquanto agentes sociais (MAGALHÃES, 2006).

Ao longo de uma trajetória de quase 100 anos ocorreram várias transformações na escrita da história produzida por essa instituição cujos indícios estão, por exemplo, nas políticas de aquisição e descarte para acervo (formais e informais), nos projetos de exposições e nas atividades educativas.

Atualmente, reúne um acervo museológico, bibliográfico e arquivístico totalizando cerca de 258 mil itens. Quanto aos objetos, são cerca de 170 mil dos mais variados tipos, organizados em diversas coleções, tais como armaria, indumentária, mobiliário, artes decorativas, arte religiosa, objetos indígenas, brinquedos, dentre outras.

Existem duas áreas de armazenamento de objetos: a reserva técnica do acervo numismático, onde se guardam moedas, medalhas, selos, condecorações; e a reserva técnica dos demais objetos tridimensionais. Esta última está localizada no térreo de um dos edifícios com acesso pelo Pátio Gustavo Barroso. Em 2006 houve a implantação de um projeto arquitetônico que tornava visível parte da reserva técnica, com a substituição de paredes de alvenaria por vidro. Porém, devido ao aumento de temperatura e à excessiva entrada de luz natural, optou-se pelo uso de cortinas. Os objetos do acervo que necessitam de tratamento são encaminhados ao Laboratório de Conservação e Restauração (LACOR), composto por uma divisão de conservação e as oficinas de papel, madeira, pintura e porcelana.

No cotidiano da instituição, a entrada em todos esses espaços é limitada aos profissionais que atuam com a preservação do acervo. São locais de atuação dos especialistas e com regras de segurança específicas. Porém, o MHN disponibiliza o

---

<sup>3</sup> Disponível em <http://mhn.museus.gov.br/>. Acesso em 24 jun. 2019.

serviço de visitas técnicas a esses locais mediante agendamento prévio para estudantes e profissionais do meio museal.

Nos últimos anos aconteceram visitas aos espaços de armazenamento e tratamento de acervo voltadas a públicos não especializados em atividades pontuais. Para conhecer melhor essas experiências, em 2017 entrevistamos um profissional da área de preservação e outro da área de educação que trabalham no MHN há pelo menos cinco anos e que participaram do planejamento e realização de tais ações (OLIVEIRA, 2018).



Conversa com grupo de visitantes em uma das áreas de guarda da reserva técnica do MHN durante a “Visita aos bastidores do Museu”. Foto: Diogo Tubbs, 2017.

Os sujeitos entrevistados relataram o planejamento e a realização de visitas em três ocasiões, associados a eventos de expressão nacional. A primeira visita foi durante a Semana Nacional de Museus, edição de 2012. Voltada para um grupo de estudantes do Instituto Benjamim Constant, cegos ou com baixa visão, a ação consistiu em uma visita às exposições e, em seguida, uma experiência tátil com objetos do acervo dentro da reserva técnica. Os objetos foram selecionados previamente considerando critérios como a integridade física dos materiais, a segurança dos visitantes e o melhor aproveitamento sensorial para esse público específico.

A segunda atividade também ocorreu no ano de 2012, fazendo parte da programação da Primavera dos Museus como “Visita aos bastidores do Museu”. Desta vez o público-alvo foi de estudantes de ensino médio e a visita ocorreu na reserva

técnica e no laboratório de conservação e restauração. Ambos os sujeitos entrevistados destacaram que os participantes se surpreenderam com as possibilidades de atuação profissional no museu, ao terem contato com processos de trabalho pouco conhecidos.

A terceira iniciativa também ocorreu no âmbito da Primavera dos Museus, no ano de 2017 e com o mesmo título. Desta vez a equipe do setor educativo divulgou nas redes sociais o convite aberto para qualquer pessoa interessada. No ato do agendamento foram registradas informações de procedência dos inscritos. O grupo formado, também com quinze integrantes, foi bastante heterogêneo, com idades, formação acadêmica e profissões variadas. Também visitaram a reserva técnica e o laboratório de conservação e restauração. Segundo os relatos dos profissionais, os visitantes demonstraram surpresa e curiosidade, fizeram perguntas aos funcionários para entender melhor como os objetos são preservados e incentivaram as equipes a realizarem mais atividades como esta.

As entrevistas revelaram que as três atividades foram idealizadas pela equipe do setor educativo, mas o planejamento e execução aconteceram de maneira integrada com a equipe de preservação. Todos os aspectos foram negociados, tais como o limite de quinze pessoas por grupo, o dia e horário para agendamento, duração, seleção de objetos a serem abordados e/ou manuseados e público-alvo. A decisão por ofertar as atividades pontualmente, sem inserir na programação contínua do Museu, se deve às necessidades de segurança e conservação do acervo, além de considerar a disponibilidade da equipe de preservação, bastante reduzida e com muitas demandas.

O objetivo principal de tais ações foi permitir acesso ao público não especializado a locais normalmente não visitáveis do museu, para que conhecessem tanto uma parte do acervo que está guardada quanto as atuações profissionais que se dedicam a sua preservação. Interessante notar que os profissionais da reserva técnica e do Laboratório assumiram o papel de mediadores, conversando com os participantes a respeito do conhecimento técnico e científico necessário para prolongar a vida dos objetos, ou seja, atuando como divulgadores do fazer museal. Quanto a esse aspecto, identificamos também um potencial de valorização desses trabalhadores que normalmente têm pouco ou nenhum contato com o público.

Na percepção dos sujeitos entrevistados, a integração entre as equipes foi bem-sucedida, o que se expressa na facilidade de negociação das condições para realizar tais visitas. A clareza para todos os envolvidos quanto ao objetivo traçado, a aposta na curiosidade dos visitantes e no potencial educativo dessa experiência foi fundamental.

As impressões dos participantes, relatadas por esses profissionais, foram ouvidas durante e após as visitas, mas não foram registradas. Identifica-se, portanto, uma necessidade de melhor avaliação do impacto das ações para direcionar aprimoramentos caso sejam necessários.

### **Considerações finais**

Os objetos do passado nos desafiam a elaborar novas práticas frente às questões mais relevantes da contemporaneidade. Vemos os museus clássicos, onde o acervo está no centro das atividades profissionais e da atenção do público, como campos férteis para a elaboração de estratégias inovadoras tendo como ponto de partida a cultura material. Dado o amadurecimento dos debates em torno da função social e educativa dos museus nas últimas seis décadas, não cabe a insistência de que a preservação está descolada do compromisso dessas instituições com seus públicos. Preservar os testemunhos de processos históricos significa garantir o acesso destes pelas gerações presentes e futuras. As medidas de segurança e conservação existem e devem ser prioritárias, mas nem sempre são impeditivas para o acesso de visitantes interessados.

Com o presente estudo, entendemos que conhecer as coleções guardadas nos espaços de uma reserva técnica pode trazer uma outra perspectiva sobre uma instituição museal, diferente daquela que se constrói ao visitar suas exposições. Os profissionais de preservação, normalmente não habituados a interagir com os visitantes, têm a oportunidade de dialogar com eles, os quais são capazes de trazer questões antes não pensadas por aqueles que possuem o olhar especializado e, por vezes, acomodados no que já conhecem.

O caso do MHN é muito interessante para refletir a esse respeito, enquanto um museu clássico que se aproxima do centenário, o qual tem buscado ressignificar suas coleções do passado no presente com proposições mais dialógicas com os públicos visitantes.

Em um cenário nacional de grave descompromisso com as instituições culturais e educacionais, torna-se urgente diversificar as estratégias de aproximação entre museus e públicos, como forma de dar visibilidade ao trabalho desempenhado por tantos

profissionais junto ao patrimônio cultural. Consideramos, pois, as visitas às reservas técnicas como uma dessas estratégias.

Porém, sabemos que nem sempre os processos integradores de equipes de diferentes setores são harmoniosos, podendo existir tensões e divergências quanto aos propósitos. Também não desconsideramos as dificuldades que vários museus no Brasil e em outros países enfrentam para preservar adequadamente seus acervos, o que pode inviabilizar acesso público a reservas técnicas por falta de condições relacionadas a infraestrutura, segurança, recursos humanos e materiais.

O aprofundamento do estudo sobre esse tema está em andamento no âmbito do Curso de Mestrado Acadêmico em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde (COC/Fiocruz), a ser concluído em 2021.

## Referências

CAMERON, D. Le musée: un temple ou un forum (1971). In: DESVALLÉES, A. **Vagues: une anthologie de la nouvelle museologie**. Paris: Éditions W.M.N.E.S., 1992. p.77-86.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (ed.). **Conceitos-chave da museologia**. Trad. Bruno Brulon e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, 2014.

FRONER, Y. **Tópicos em Conservação Preventiva 8 - Reserva Técnica**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes/UFMG, 2008. Disponível em: <<http://www.lacicor.org/demu/pdf/caderno8.pdf>>. Acesso em 20 jul. 2019.

GRUZMAN, C.; SIQUEIRA, V.H.F. de. **O papel educacional do museu de ciências: desafios e transformações conceituais**. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias Vol.6, Nº2, 402-423, 2007. Disponível em: <[http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen6/ART10\\_Vol6\\_N2.pdf](http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen6/ART10_Vol6_N2.pdf)>. Acesso em 20 jul. 2019.

HOOPER-GREENHILL, E. Education, communication and interpretation: towards a critical pedagogy in museums. IN:\_\_\_\_\_. **The education role of the museum**. London: Routledge, 1999. P.3-27.

IBRAM. **Política Nacional de Educação Museal**. Disponível em: <<https://pnem.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Educa%C3%A7%C3%A3o-Museal1.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2019.

ICOM. Definição: Museu. Disponível em: <<http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/>>. Acesso em 20 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Recommendations and the report submitted by the Standing Committee For Museum Definition, Prospects and Potentials (MDPP)**. Adopted by ICOM Executive Board in December 2018. Disponível em: <[https://icom.museum/wp-content/uploads/2019/01/MDPP-report-and-recommendations-adopted-by-the-ICOM-EB-December-2018\\_EN-2.pdf](https://icom.museum/wp-content/uploads/2019/01/MDPP-report-and-recommendations-adopted-by-the-ICOM-EB-December-2018_EN-2.pdf)>. Acesso em 22 mai. 2019.

\_\_\_\_\_; UNESCO. Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus - extrato do documento final do evento. Rio de Janeiro, 1958. In: BRUNO, M. C. O. (org). **O ICOM/Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Sec. de Estado de Cultura; ICOM/Brasil, 2010. p.28-37.

\_\_\_\_\_. Mesa Redonda de Santiago do Chile - documento final. 1972. In: BRUNO, M. C. O. (org). **O ICOM/Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Sec. de Estado de Cultura; ICOM/Brasil, 2010. p.43-51

\_\_\_\_\_. Declaração de Quebec - documento final do evento. 1984. In: BRUNO, M. C. O. (org). **O ICOM/Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Sec. de Estado de Cultura; ICOM/Brasil, 2010. p.58-60.

MAGALHÃES, A. M. **Culto da Saudade na Casa do Brasil: Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional (1922-1959)**. Fortaleza: Museu do Ceará; Sec. da Cultura do Estado do Ceará, 2006. 142 p.

MARANDINO, M. Museus de ciências, coleções e educação: relações necessárias. IN: **Museologia e Patrimônio**, v.2, nº2, jul.-dez.2009. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>>. Acesso em 20 mai. 2019.

MIRABILE, A. A reserva técnica também é museu. In: **Boletim eletrônico da ABRACOR**, nº1, junho 2010. Disponível em: <<http://www.antonimirabile.com>>. Acesso em 5 jun. 2019.

MUSEU Histórico Nacional. Disponível em <<http://mhn.museus.gov.br/>>. Acesso em 20 jul. 2019.

OLIVEIRA, M. M. “Acesso restrito”? Refletindo sobre reservas técnicas de museus e públicos não especializados. Monografia (Especialização *lato sensu* em Divulgação e Popularização da Ciência) - Museu da Vida/COC/Fiocruz. Rio de Janeiro, 2018. 82 p.

RAMOS, F. R. L. **A doação do objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004.

UNESCO. **Recomendação referente à proteção e promoção dos museus e coleções, sua diversidade e seu papel na sociedade**. Paris, 20 de novembro de 2015. Trad. Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: <[https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/11/Unesco\\_Recomendacao-Final\\_POR-traducao-nao-oficial.pdf](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/11/Unesco_Recomendacao-Final_POR-traducao-nao-oficial.pdf)>. Acesso em 10 jul. 2019.

VALENTE, M. E. Educação e museus: a dimensão educativa do museu. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P. S.; LOUREIRO, M.L. **Museu e museologia: interfaces e Perspectivas**. Rio de Janeiro: MAST, 2009. p.83-98.